



NATURALIZAÇÃO OU SOCIABILIDADE? UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO ACERCA DOS TRATAMENTOS DO TDAH.

Paola Lingiardi Altoé (PIBIC/CNPq – FA - UEM), Zaira Fátima de Rezende Gonzalez Leal (Orientador), Nilza Sanches Tessaro Leonardo (Co-Orientador) e-mail: zairaleal@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/ Maringá, PR.

Ciências Humanas: Psicologia

Palavras-chave: Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade, Tratamento para TDAH, Psicologia Histórico-Cultural.

Resumo:

O processo de ensino-aprendizagem tem se tornado um grande desafio, no qual a maioria das justificativas se resume em explicações que localizam as causas nas próprias crianças, entendendo-as como dificuldades orgânicas, o que automaticamente remete à medicalização, como no caso do TDAH. Desse modo, a pesquisa buscou analisar as propostas de tratamento para o TDAH presentes em teses e em dissertações do banco de dados da CAPES; foram encontradas 114 teses, das quais apenas 7 apresentavam propostas de tratamentos que fugissem da ótica individualista e biologizante. Sendo que, dentre as selecionadas a maioria propõem técnicas e atividades como opção tratamento, entendendo que cada ser humano tem sua história e seu contexto social, e devem ser criados meios para que cada qual consiga superar suas dificuldades.

Introdução

Atualmente o acesso à escola está praticamente garantido a todas as crianças em idade escolar e temos um grande contingente de crianças frequentando-a, entretanto, segundo Souza (2010), a não aprendizagem do aluno na escola constitui-se em uma dificuldade que vem se arrastando desde o século passado. Estas dificuldades acabam resultando em encaminhamentos para atendimento pedagógico, psicológico, médico ou outros semelhantes.

A tendência de culpabilizar o indivíduo está ligada a uma cultura clínica e tende às explicações organicistas, relacionadas a diagnósticos neurológicos



e à medicalização. Isso faz com que o fato da criança não aprender ou não se comportar como o esperado seja considerado como sintoma de doença, no caso, o TDAH.

No entanto, deve-se promover um ambiente democrático e de qualidade, no qual haja garantia dos direitos dos cidadãos, pois práticas críticas possibilitam o bem-estar das crianças, que tendem a superar as dificuldades de seu desenvolvimento.

Segundo Collares e Moysés (2010), para a perspectiva crítica, quando se amplia a visão de indivíduo como uma totalidade, entendendo o seu cotidiano, tem-se uma visão mais completa da dificuldade em questão. No entanto, na maioria das situações, esta visão está ligada a criança em específico e quando as dificuldades não estão centralizadas na criança, a escola tende a reagir negativamente ao diagnóstico, pois tende a buscar algo que comprove as ideias previamente formuladas, sendo que normalmente acompanham discursos preconceituosos sobre os alunos e suas famílias, apresentando pré-julgamentos.

Esse fato faz com que as características passem a serem vistas como inerentes e usadas como desculpa para a não aprendizagem, caindo em um universo biologizante, o que gera uma isenção de responsabilidades do sistema social, até mesmo do indivíduo, pois ele passa a assumir uma postura de doente, que reage como tal. As autoras ainda completam dizendo que centralizar o problema na criança, na família ou no professor, não muda o problema, mas traz dificuldades para o avanço das discussões. Pois o que teria de ser um processo reflexivo, passa a ficar escondido pelo diagnóstico, que culpabiliza a vítima.

Desse modo, a luz da teoria Histórico Cultural, buscou-se identificar possíveis tratamentos para esse transtorno, que fugissem da ótica biologizante e medicalizante, objetivando encontrar alternativas mais críticas e que superem a concepção biológica das dificuldades de aprendizagem e/ou comportamento.

Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, por meio da qual foi pesquisado o tema “Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)”, a partir de obras de referência na área da Psicologia, bem como a partir de autores vinculados à Psicologia Histórico-Cultural. Objetivou-se, com este estudo, conhecer e analisar quais as formas de tratamento que estão sendo mencionada para o TDAH e, para tal, realizou-se um levantamento de teses e dissertações nas bases de dados da CAPES, utilizando as palavras-chave “Transtorno e Déficit de Atenção e Hiperatividade” e “TDAH”. Ao todo foram encontradas 114 teses/dissertações.



Após a realização do levantamento, foi feita a leitura dos resumos, selecionando-se os que mencionavam algum conceito de TDAH, ou ofereciam alguma opção de tratamento, sendo selecionadas 21 teses/dissertações. A partir da leitura dessas teses, foi elaborada uma tabela sistematizando as informações obtidas, para facilitar a análise. Depois de finalizada essa etapa, percebeu-se que apenas sete teses ofereciam algum tipo de proposta de tratamento para o TDAH que não fosse com medicamentos. Fez-se, então, a análise segundo as opções ofertadas por cada tese.

Resultados e Discussão

Foram selecionadas sete teses para compor a amostra do estudo, que estão sistematizadas na tabela a seguir, abordando os principais requisitos da pesquisa.

Tese	Perspectiva Teórica	Tratamento Sugerido
1	Histórico Cultural	Atividades em sala de aula que despertem prazer, ligando-a com as dificuldades apresentadas pelos alunos.
2	Histórico Cultural	Jogos com regras, para casos em que o tratamento medicamentoso tem efeitos transitórios.
3	Cognitivo Comportamental	Utilização de aulas práticas de ciência para desenvolver algumas capacidades que poderiam estar adormecidas.
4	Análise do Comportamento	Desenvolvimento de um guia de ações que o professor deve realizar e também estratégias de manejo comportamental que ele teria de aderir em suas aulas.
5	Cognitivo Comportamental	Lista de técnicas para que o indivíduo perceba que ele possui capacidade para modificar o seu comportamento.
6	Fenomenologia	Terapia ocupacional ou grupal.
7	Epistemologia Genética	Intervenções em grupos, com a utilização de instrumentos como jogos e situações problemas

Com os dados sistematizados, percebeu-se que das sete teses, seis sugerem atividades ou técnicas que devem ser utilizadas a fim de proporcionar ao indivíduo um desenvolvimento na área afetada, com práticas que fujam da biologização. Apenas uma tese sugere a terapia ocupacional ou grupal, embora não sugira nenhuma técnica específica para tal atividade,



também não segue o modelo tradicional de terapia individual, no qual o indivíduo fala e o terapeuta escuta.

Conclusões

Concluimos com esse trabalho que existe uma parcela mínima do material pesquisado que acredita que com o desenvolvimento de técnicas e de atividades os indivíduos podem reescrever seus quadros e desenvolverem as habilidades que estariam defasadas. Essa ideia não é defendida somente por uma perspectiva teórica, pois o estudo apresentou 4 perspectivas diferentes que ofertam tratamentos semelhantes, uma vez que olham para o histórico do indivíduo e buscam uma forma de tira-lo desse quadro, e não de normatiza-lo. Em contrapartida, a grande massa ainda defende o uso dos medicamentos, como o metilfenidato, sendo esse o tratamento mais indicado para indivíduos com TDAH, reforçando no mundo acadêmico a ideia de que tal transtorno seja de origem orgânica, de tal forma a desconsiderar os fatores históricos e sociais envolvidos. Desse modo, entendemos a grande importância de estudos que avancem nessas questões.

Agradecimentos

Os agradecimentos são voltados a Fundação Araucária pela bolsa de Iniciação Científica concedida. E a orientadora deste PIBIC, Professora Zaira Leal, cujas críticas e sugestões foram fundamentais para o aprimoramento do trabalho.

Referências

SOUZA, M. P. R de. Retornando à patologia para justificar a não aprendizagem escolar: A medicalização e o diagnóstico de transtorno de aprendizagem em tempos de neoliberalismo. In: **Medicalização de Crianças e Adolescentes: Conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2010. P-58-67

COLLARES, C. A. L; MOYSES, M. A. A. Preconceitos no cotidiano escolar: a medicalização do processo ensino-aprendizagem. In: **Medicalização de Crianças e Adolescentes: Conflitos silenciados pela redução de questões sociais a doenças de indivíduos**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2010. P 193-213